

Lechosław Baran

### **Eufemismo na imprensa – estrutura e funcionamento**

#### 1. Introdução

Numa época de mediatização da vida pública e domínio dos meios de informação não só a omnipresença da informação divulgada, mas sobretudo o modo de apresentação das novidades transmitidas parecem desempenhar um papel crucial. Neste contexto a imprensa influencia e forma a opinião pública como fonte das informações. Dedicamos este trabalho às considerações da estrutura e ao funcionamento dos eufemismos na imprensa no vasto contexto das reacções que pode despertar. O eufemismo consiste na substituição de uma designação negativa por uma menos directa e menos negativa, permitindo deste modo falar sobre assuntos directamente inomináveis. Desta perspectiva o eufemismo é semanticamente vasto tendo em paralelo as designações directas. Assim percebido baseia-se na salvaguarda da face dos interlocutores e exige a cooperação de ambos os falantes no discurso.

Da nossa própria experiência sabemos que nem sempre o eufemismo é tão evidentemente desejável ou aceite. As sociedades contemporâneas necessitam um acesso directo aos factos e o fluxo das informações verificado. Qualquer meio que modifique de alguma forma a realidade será de imediato recusado e criticado por fuga à

verdade. Cada caso em que não se harmonize com a desejada imparcialidade da informação pública o eufemismo vai sofrer de um grave problema de imagem.

Nesta pesquisa, procuramos perceber a diversidade de reacções face ao eufemismo vistas pelas suas funções e motivações. Como certa estratégia pode condicionar as formas de poder pelo discurso.

Confrontaremos os eufemismos aqui analisados através de dois casos de eufemismo diferentes. Tomando em conta a dimensão semântica indissociável com a sua dimensão pragmática vamos apresentar o tema através da integração conceptual e o seu desenvolvimento no âmbito das redes de espaços mentais. Se a construção semântica tem um papel crucial para funcionamento de eufemismo falta apresentar a questão do seu resultado pragmático.

No nosso caso os jornais servem como base para os estudos sobre o conceito do eufemismo na imprensa. Ao apresentar toda a complexidade da estrutura do eufemismo, vamos concentrar a nossa atenção na visão global da percepção de eufemismo. Através de vários exemplos vamos apresentar o carácter do uso de eufemismos no contexto público. Essa visão pragmática encontramos sempre na relação interlocutória. Ao dar-nos conta da sua dimensão semântica somos capaz de analisar eufemismo também no vasto âmbito sócio-cultural.

## 2. A característica do eufemismo

Os mass-media desempenham um papel essencial no funcionamento e na divulgação das informações e ideias propagadas nas sociedades contemporâneas. O maior traço distintivo que se pode observar no caso das médias actuais é o seu carácter omnipresente e o poder da criação de opiniões. Os mass-média não são só um meio que serve para transmissão, as informações influem e formam as atitudes sociais.

C.W. Mills escreve que os mass-media existem na nossa realidade participando na nossa vida (Mills 1988: 412). Propõem os novos padrões de comportamento, o novo estilo da vida, novas imagens e aspirações que queríamos admitir. A comunicação de massas é um tipo

da actividade livre. A participação nesta comunicação tem o carácter facultativo. Por outro lado a sociedade contemporânea necessita de muita informação, as pessoas mantêm um contacto permanente com os mass-media, o fluxo de informação actual. Os que perdem o contacto com as informações têm de dar-se conta das potenciais consequências do seu passo.

Ao começar as considerações dedicadas ao eufemismo deveríamos primeiro tentar precisar o conceito. Determinar o que e que é o eufemismo dos nossos dias, que função tem e que risco leva a indiferença ou inconsciência da sua existência.

Na maioria dos casos o conceito de eufemismo é percebido como estratégia considerada como obstrutiva do acesso directo à verdade. Sempre que na vida pública aparecem assuntos susceptíveis ocorre também o eufemismo. Em termos bastante gerais podemos então, caracterizar o conceito como uma palavra ou expressão com a qual se designa de forma alternativa uma realidade negativamente marcada, para qual existe uma designação directa.

Os dicionários propõem várias definições, mostrando a questão desde vários pontos de vista. Não se pode encontrar uma única, e uma coerente definição do conceito para que contenha tudo e no mesmo momento não correr o risco de se tornar impraticável.

A oferta de definições é muito generosa. Entre enciclopédias, manuais de retórica e sobre tudo dicionários de linguística a noção de eufemismo esta relacionada com as suas funções estilísticas. Temos de dar-nos conta do facto que no início o uso das palavras do modo indirecto estava relacionado sobretudo com o aspecto cultural. Trata-se do limite que marca uma fronteira entre o bom gosto e o mau gosto e as influências dessa atitude.

Analisando a origem da palavra *eufemismo* encontramos que a palavra de origem grega [Euphemismós] usava-se para amansar os Deuses. Outros destacam que o eufemismo era usado em vez de palavras ofensivas.

Eufemismo então é utilizado como certa alternativa para o uso da expressão diferente, para evitar a possível perda da cara pelo emissor,

audiência, ou outra parte.<sup>1</sup> O dicionário Machado apresenta o conceito só em uma frase:

Eufemismo, *s.* Do fr. *eufemisme*, este do gr. *euphemismós*, «emprego de palavra favorável em vez de outra de mau agoiro», pelo lat. tardio *euphemismus* (em vez de *euphēmīa*, mais vulgar), e, depois, pelo fr. *euphémisme*. Em 1873, D.V (Machado 1977: vol. II, p. 503, 1ª coluna)

Segundo a *Encyclopedia of Language and Linguistics*, o conceito de eufemismo na sua essência

consiste na substituição de uma designação negativa, que nomeia directamente um estado de coisas igualmente marcado, por uma designação menos directa e, portanto, menos negativa, permitindo deste modo falar sobre assuntos unanimemente inomináveis. (Referenda 1991: 1181).

Segundo K. Allan e Burridge eufemismo é nada mais que uma “expressão favorável ou suavizada, usada em lugar de termo áspero ou desagradável”.<sup>2</sup> Eufemismo então, pode ser considerado como:

espécie de perífrase, pela qual expressamos as ideias desagradáveis, tristes ou desonestas por meio de palavras brandas e suaves. (Silva 1990: vol. II p.517, 2 coluna)

Do ponto da vista de Newman o eufemismo tem forma de expressão “não ofensiva que substitui outra do carácter ofensivo”.<sup>3</sup>

Rawson no seu dicionário repara ainda um aspecto mais:

Os eufemismos são meios linguísticos muito potentes. Estão tão assimilados na nossa língua que só alguns de nós os mais espontâneos podem evitar o uso deles.<sup>4</sup>

Enumerando deste modo, Rawson chama a nossa atenção a questão da onnipresença e o papel que o eufemismo desempenha na vida dos falantes.

Definições apresentadas em cima mostram sobretudo o carácter geral do conceito. Para poder analisar o eufemismo com mais pormenores, necessitamos caracterizá-lo ainda mais, apresentando a sua complexidade. Com este levantamento de definições, podemos

---

<sup>1</sup> Cf. (Allan 1991: 11)

<sup>2</sup> Cf. (Allan 1991: 3)

<sup>3</sup> Cf. (Newman 1995: 51)

<sup>4</sup> Cf. (Rawson 1981: 10)

olhar o eufemismo sob diferentes perspectivas. Através de aspectos particulares envolvidos neste fenómeno podemos caracterizar o eufemismo de seguida:<sup>5</sup>

- A ideia base do eufemismo consiste, em duas palavras, na substituição de uma designação negativa por uma designação positiva. Esta visão do eufemismo como designação de substituição pressupõe a existência de uma designação directa.
- Eufemismo então pode ser caracterizado como uma *forma de expressão não directa* ou autêntica, próxima da perífrase, e da qual a mentira seria a forma extrema.
- As *funções* do eufemismo como já mencionados em cima: *suavizar*, *atenuar*, *camuflar* ou *ocultar* uma determinada realidade ou a expressão que a designa, ou ainda *desviar* a atenção do interlocutor de determinados factos, guiando-o para outros de importância relativa.

Perante esta diversidade de aspectos, e visando a uniformização da terminologia ao longo deste trabalho vamos utilizar a seguinte definição:

Eufemismo é a designação dada a uma unidade lexical (palavra ou expressão), que num contexto específico linguístico e extra-linguístico cumpre uma função suavizante, atenuadora ou desviante. Essa unidade lexical é, assim, um eufemismo em sentido restrito. (Bohlen 1994: 17)

A função dessa unidade lexical (uma palavra, um grupo lexical, uma frase, um parágrafo ou até mesmo um texto) de suavizar, atenuar, camuflar ou ocultar factos objectivos, evitando, assim, o emprego de unidades linguísticas que possam exprimir essas mesmas realidades de forma directa, sem rodeios, pudores ou constrangimentos, é a função eufemística dessa unidade.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Cf. (Abrantes 2002: 25-26)

<sup>6</sup> Cf. (Abrantes 2002: 26)

### 3. Eufemismo convencional vs eufemismo oficial

Vamos analisar e distinguir dois tipos de eufemismos que distinguem também no seu funcionamento. Numa situação discursiva em que ocorre o eufemismo em resposta a reacção de medo, pudor ou conveniência, ao estado das coisas que ele ajuda a descrever, a colaboração entre o locutor e interlocutor estende-se do significado convencional da palavra e ao seu conteúdo eufemístico. Assim apresentado o eufemismo tem o carácter ocultante, por esconder a realidade negativa tanto na codificação como na descodificação. Este tipo de eufemismo que já temos vindo a tratar podemos chamar de eufemismo convencional.

Deste modo quando o locutor opta por *crescimento negativo* em vez de perder, *piratearia* em vez de divulgação de cópias ilegais, *fantasiar* no sentido de mentir está certamente a usar os eufemismos convencionais.<sup>7</sup>

Este tipo de eufemismo pode suscitar uma imagem mental diferente daquela que é marcada pela designação directa. O interlocutor não só concorda com o seu uso como o espera do locutor mas sobretudo nenhuma destas expressões deixa margem de dúvida quanto ao seu significado real. Ambas as partes da mensagem sabem bem a que se refere a expressão e deste modo eliminam qualquer mal entendido entre parceiros do discurso.

Temos dar-nos conta de que apesar da função mencionada o uso do eufemismo pode condicionar as formas de poder pelo discurso. Existem então eufemismos característicos para linguagem quotidiana e discurso oficial e que podem desempenhar várias funções depende do contexto e das necessidades. A resposta parece ser mais híbrida e complicada. A dimensão pragmática do eufemismo, a mais importante no caso de análise realizada, é indissociável da sua dimensão semântica.

---

<sup>7</sup> Mais exemplos: ser económico com as palavras <não dizer toda a verdade, mentir>, ter sempre a mesma cassette <não cambiar a sua atitude>, falecer <morrer>, prolongada doença <cancro>, dormir com <tem relações sexuais com>, empregada doméstica <mulher a dias> etc.

O eufemismo verifica-se na linguagem politicamente correcta. Este compromisso linguístico surgiu como resposta a uma necessidade de cortesia social, inspirada na delicada questão de referência ao outro.<sup>8</sup> O uso do eufemismo aparece também na agressão mas não de modo tão directo. A ocultação da designação pode ter o efeito perverso que se faz sentir. A delicadeza pretendida dá lugar à ironia com que muitas das designações politicamente correctas passam a ser vistas.

Outro caso do uso do eufemismo, mais destacável pelo seu carácter controverso é a sua ocorrência nos meios de informação, particularmente na imprensa. Neste caso a função do eufemismo não está limitada á função de ocultação ou melhoramento do estado de coisas. Sobre tudo a atenção dos leitores está canalizada ao aspectos ou para questões de estado de coisas intencionalmente seleccionados pela sua natureza não negativamente marcada.

Todos exemplos que vamos apresentar estão relacionados com a vida política e assuntos relacionados com actividade pública.<sup>9</sup> Um contexto que ilustra bem este uso do eufemismo é a forma como a imprensa relata as acções militares.

Modificando expressões que nomeiam directamente a guerra ou eventos relacionados com ela e substituindo-as por outras que apenas designam os aspectos menos negativos ou favoráveis, o interlocutor é

---

<sup>8</sup> Cf. (Abrantes 2002: 177)

<sup>9</sup> Os exemplos que vamos apresentar neste trabalho vêm de jornais e na sua maioria tratam de política. São vários os textos, os comentários de acontecimentos do país, do governo, do parlamento. Serão mais os textos que comentam a vida pública que textos tipicamente políticos. O próprio texto político no caso deste trabalho teria a definição muito geral. Segundo as nossas considerações serão os textos dos políticos e das pessoas relacionadas com a política que têm como objectivo convencer os destinatários do texto. Os textos políticos pertencem por seu tema ao domínio da política e são destinadas a um largo grupo de pessoas. Têm, então, características persuasivas. - Do ponto da vista de Irena Kamińska-Szmaj todos os textos de área política une o traço que estão todos dirigidos ao receptor de massa. Além disso utiliza-se os recursos linguísticos que são submetidos a função persuasiva. O objecto dos textos é claro e bem definido, a persuasão convergente com os fins do emissor que leva a mudança da atitude e do comportamento, a aceitação das ideias ou só para aceitação do mundo dos valores divulgados; Cf. (Kamińska-Szmaj 2001: 8)

evidentemente poupado aos aspectos negativos da realidade, igual, como podemos observar no caso do eufemismo convencional. Inconsciência desta falta da plena informação reflecte directamente na realidade percebida.

O eufemismo oficial que acabamos de comentar não atinge o mesmo fim que o eufemismo convencional, da linguagem geral. Infelizmente o leitor não se apercebe de imediato estar perante um eufemismo, fica então na certa assimetria e na posição de desvantagem do emissor. O eufemismo “missão de paz” utilizado no discurso oficial para referir a guerra provoca a crítica que resulta do reconhecimento por parte do leitor da distância entre as expressões e o que elas designam. (Abrantes 2002: 179). Aparece aqui uma relação assimétrica, vantajosa apenas para uma das partes. O eufemismo por não ser de imediato descodificável torna-se o instrumento de poder sobre os outros. Dá apenas a conhecer uma parte ou uma perspectiva da realidade que pretende nomear. (Abrantes 2002: 180). Para concluir o público toma conhecimento da realidade através da perspectiva que lhe dão as fontes de informação oficiais. O eufemismo oficial emocionalmente motivado e colectivamente aceite usado em contexto público nem sempre se mostra detectável. No caso do eufemismo convencional temos de ver com plena aceitação, na outra situação, no caso do uso de eufemismo na política, de forte recusa e objecção.<sup>10</sup>

Esta relação naturalmente pode ser conflituosa a partir do momento em que damos-nos conta dela. A crítica está canalizada mais as próprias expressões que a quem as usa.

As expressões como: *danos colaterais, guerra com terrorismo, a libertação do Iraque, aliança dos unidos, o sucesso significativo, confrontar-se com ditadores com criminalistas, acção para salvar toda a nação, o nosso povo defendeu-se mesmo, nesta guerra não há*

---

<sup>10</sup> Ao olhar essas considerações põe-se a pergunta seguinte o que é verdade e se realmente existe no discurso da imprensa. Em 1936 o filósofo A.J. Ayer escreveu que as duas palavras, os dois conceitos de verdade e de mentira no têm nenhuma conotação, mas função. É mais a nossa aceitação ou rejeição. Segundo A. J. Ayer não há verdade absoluta. O que chamamos verdade e o facto da nossa aceitação em que cremos.

*vencidos, a força moral, o mal é a força, política / guerra é um jogo, seguridade nacional, persuasão física, depuração étnica, neutralização de obstáculos* levam no seu sentido o significado duplicado, que depende da situação que descreve, refere-se a uma realidade distinta.

Algumas das expressões enumeradas acima começam a morrer no efeito que elas próprias tentam alcançar. De vez em quando perdem o seu valor eufemístico e ganam difemístico. A opinião pública ao estar perante a omnipresença de informação mostra cada vez mais a sua desconfiança de que não lhe é apresentada a verdade toda. Estas estratégias muitas vezes aparecem na argumentação e na persuasão política como um dos meios para esconder assuntos menos populares e apresentá-los de modo mais aceitável.

4. A teoria de integração conceptual perante o conceito de eufemismo  
Ao analisar o fenómeno de eufemismo concentraremos a nossa atenção no exemplo de colaboração e da proximidade entre a metáfora e a integração conceptual, que trataremos numa secção à parte, a seguir.

A teoria de integração conceptual, muitas vezes reconhecida na literatura como *'blending'* é uma fase da evolução das ideias anteriores muitas vezes retomadas e estudadas pelos linguistas. A estrutura natural que forma e sobretudo produz a nossa percepção e a sensação está guardado no que nós percebemos e experimentamos como a conceptualização ou estruturação do significado. A teoria de metáfora e a teoria dos espaços mentais teve um papel crucial na apresentação das lacunas na visão abstracta que não deixam de preservar o estruturalismo, a linguística generativa e a mesma semântica.

A integração conceptual é a simples habilitação que nos leva ao novo significado, a uma estrutura, a um conceito indispensável para memorização e manipulação dos vários parceiros da significação. A teoria aqui mencionada proposta por Fauconnier e Turner vai ser analisada do ponto da vista complementar às teorias anteriores, especialmente a teoria da metáfora conceptual iniciada por Lakoff e

Johnson.

A teoria da metáfora conceptual TMC e a teoria de blending TB partilha aspectos comuns. Em dois casos, ambas as teorias tratam a metáfora como fenómeno conceptual e não só linguístico. Ambas as teorias defendem a projecção sistemática entre domínios conceptuais, por meio da linguagem, pelas imagens mentais, e sobretudo pelas estruturas inferenciais. Os dois casos partilham condições e limites nesta projecção. O primeiro elemento que afasta as duas teorias são representações mentais. A teoria de metáfora conceptual consiste numa projecção ontológica e estrutural entre dois domínios cognitivos. No outro caso, no caso da teoria de *blending* as unidades básicas da organização cognitiva são os espaços mentais.<sup>11</sup> Na teoria da metáfora conceptual um mapeamento está estabelecido só entre dois domínios cognitivos. A teoria de *blending* pelo contrário é mais extensa e assenta num modelo de quatro espaços mentais. Trata-se dos mesmos dois espaços input (que no caso da metáfora correspondem ao domínio origem e ao domínio alvo), um espaço genérico, que apresenta a estrutura conceptual partilhada entre dois espaços input e no final um espaço blend, onde se integram aspectos dos domínios input.

Temos que ver, então por um lado um modelo que se compõe de quatro espaços que apresenta também os espaços input por outro com a projecção unilateral do domínio origem ao domínio alvo na teoria da metáfora conceptual.

---

<sup>11</sup> Os espaços mentais não são equivalentes aos domínios cognitivos, dependem deles e são construídos no discurso e representam cenários estruturados por diferentes domínios cognitivos. Segundo Fauconnier e Turner são pequenos pacotes de informação construídos conforme pensamos e falamos, a fim de possibilitar a interpretação imediata e a acção. – “Mental spaces are small conceptual packets constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action”, G. Fauconnier, M. Turner, Conceptual Integration Networks, University of California, San Diego, <http://www.inform.umd.edu/EdRes/Colleges/ARHU/Depts/English/englfac/MTurner/cin.web/cin.html>.

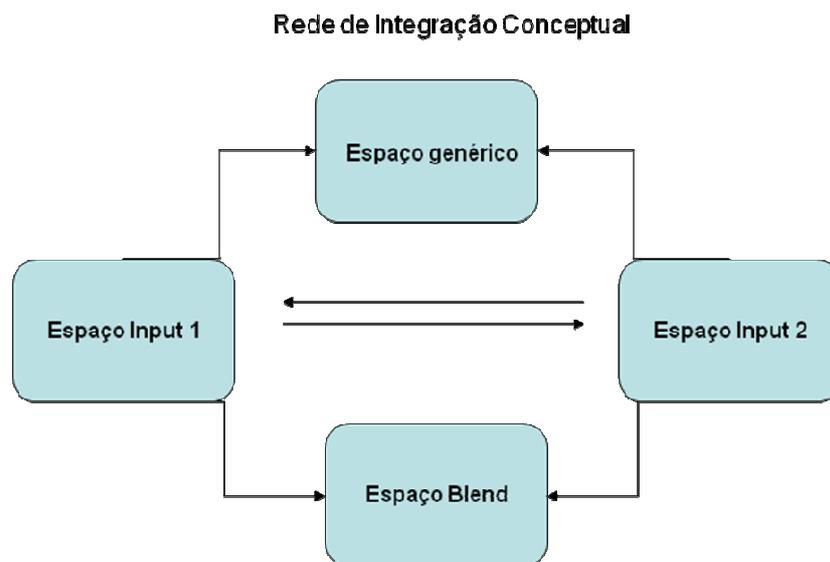


Fig. 1. Teoria do blending (TB).

A integração conceptual assente numa projecção parcial entre elementos equivalentes – dois espaços input. As linhas contínuas representam estas ligações que podem ser de natureza metafórica. O espaço genérico e o espaço blend estão relacionados do seguinte modo: a estrutura genérica está combinada com o espaço *blend* com elementos projectados a partir dos dois espaços input. Do espaço genérico a projecção passa para os dois espaços input e destes para o espaço do blend formando uma estrutura conceptual emergente.

Ao partir deste modelo básico de integração conceptual vamos concentrar as nossas considerações no desenvolvimento desta teoria pelo Per Aage Brandt (Brandt 2001: 75). As suas pesquisas formam uma resposta a certos aspectos não contemplados pelo modelo básico de integração conceptual. Brandt propõe um modelo de redes mentais que apresenta alguns desenvolvimentos do modelo “padrão” de Fauconnier e Turner.



rapidez ou eficiência comunicativa, mas sobre tudo a visualizam e a suportam.

##### 5. As redes de espaços mentais e o eufemismo

Ao falar do ponto de vista cognitivo usamos o eufemismo quando queremos nomear coisas sem indicar a imagem mental dele. Os eufemismos usamos com objectivo de animar a nossa imaginação. Eufemismos não formam uma imagem completa na nossa mente nem definem completamente o acontecimento ou objecto. Sem a definição completa a habilitação de entendimento de uma frase é obscura.

A comunicação interpessoal, a integração dos espaços mentais em redes, é um processo espontâneo e recorrente. Pela sua natureza, quer dizer efemeridade, não pode ser reformulado ou repensado em cada momento discursivo.

A recorrência de certas frases ou palavras na nossa língua e o uso constante delas conduz a gravação dos esquemas mentais dos falantes e produz no mesmo momento a descodificação espontânea do significado, o passo necessário para o sucesso comunicativo. O que já tínhamos dito reflecte a natureza do eufemismo convencional.

No caso do eufemismo oficial, a integração dos espaços mentais não é de imediato transparente para um dos parceiros do discurso, pode levar então ao mal entendimento.

Segundo Lutz (Lutz 1989: 67) quando o eufemismo é usado para manipular leva à incompreensão.<sup>12</sup>

Propomos apresentar dois exemplos de redes de espaços mentais em dois casos de eufemismos distintos.

Como já tivemos a oportunidade de dizer existem paralelamente, de uma parte o eufemismo convencional, de outra parte o eufemismo oficial. O eufemismo convencional é a solução diplomática para poder falar de domínios de experiência classificados como tabu e portanto

---

<sup>12</sup> Segundo Lutz é possível distinguir entre eufemismo e a manipulação. “when a euphemism is used to deceive, it becomes doublespeak – the sole purpose of doublespeak is to make the unreasonable seem reasonable, the blamed seem blameless, the powerless seem powerful”; Cf. (Lutz 1989: 67)

inomináveis, sob o risco de perda de face para ambos os interlocutores. Aparecem aqui os elementos emocionais como medo ou pudor, que todos partilhamos cultural e socialmente. Isto é ainda o sinal evidente de cooperação discursiva existente baseada na simetria interlocutória.

O eufemismo oficial indica uma relação assimétrica entre locutores, beneficiária somente para uma das partes e portanto muitas vezes conflituosa. O eufemismo oficial torna-se um instrumento de poder sobre a outra parte. Consiste na ausência de colaboração semântica, por não ser de imediato descodificável e por apresentar só uma parte, só uma perspectiva da realidade que pretende nomear.

Aproveitamos a distinção feita para apresentar os processos mentais envolvidos na construção destes dois casos de eufemismos.

Começamos a nossa análise por apresentação de eufemismo convencional. A sua omnipresença é visível não só na linguagem quotidiana mas também no discurso político, na prensa e por todas as partes que penetra a língua. Tem a ver com certa combinação de formas, de influências, com vários níveis da mesma língua no processo discursivo da sociedade contemporânea. As expressões como: *já não está entre nós, adormeceu para sempre, veio ao mundo, Ele anda com ela, persuasão física, piratearia, desviar-se de verdade, colorar, ter imaginação muito viva, ter a mesma cassette, cartão amarelo ao Governo, a terceira idade* estão presentes em cada dia da actividade e ainda mais o seu significado não deixa sombra de dúvida do que eles tratam.

Tentemos agora analisar um dos exemplos acima apresentados através dos espaços mentais. Imaginemos o caso que alguém se exprime acerca de pessoa recentemente nascida *veio ao mundo*. Nesta expressão e sobretudo no contexto em que aparece, reconhecemos um espaço básico (base space) no qual é dita a expressão. Este espaço contém mais informações contextuais escondidas, como a notícia do nascimento de uma pessoa, do início da sua vida, da relação interlocutória, e sobretudo da situação em que é proferida a frase, a novidade do nascimento de uma criança.

O exemplo considerado contém ainda um espaço de referência

(*reference space*). Neste espaço guarda-se o conteúdo informativo da expressão, tudo isso a que ela se refere, a alegria do nascimento da pessoa.

No seguinte espaço, o espaço de apresentação (*presentation space*) consiste na forma como é expresso o nascimento, nomeadamente como a chegada, o resultado da longa espera. Os dois espaços mentais envolvidos são distintos, o nascimento por um lado, por outro, uma chegada como resultado da espera. Estes dois espaços tornam-se projectados para um outro espaço, fundem-se no primeiro espaço de integração (*blended space*). Aqui mesmo inicia-se a significação: *nascer é aparecer*, vir ao mundo. Ele *veio*, *chegou*, mostram que assim é conceptualizado não só nascimento mas também o início da vida: A vida é uma viagem.

Neste eufemismo convencional aparece ainda outra projecção, a integração do primeiro espaço blend com o espaço de relevância para um novo espaço de integração (*blended space 2*). Aqui encontramos a metáfora de nascimento como início da nova vida e o espaço de relevância de aparição e companhia. Aqui também se funde a ideia de nascimento com tudo que se pretende dele transmitir. O mesmo nascimento mostra-se como a origem da nova vida, uma entre outras que já passaram alguns etapas da sua existência.

O conteúdo do espaço de integração 2 é transmitido ainda mais e está projectado de novo no espaço de base fechando o circuito.

A ideia de rede de espaços mentais no caso do eufemismo convencional pode ser apresentada da seguinte forma:

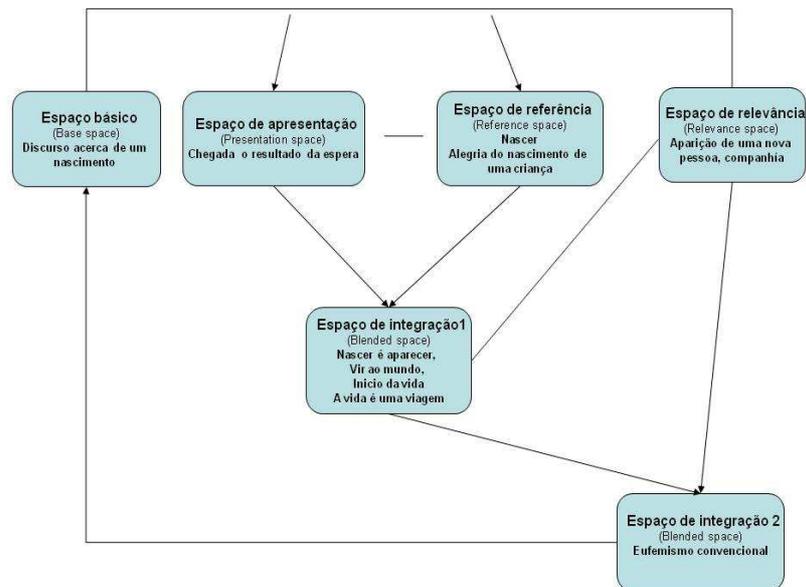


Fig. 3. Rede de espaços mentais – eufemismo convencional.

No caso do eufemismo oficial é em tudo semelhante excepto o que toca ao domínio de relevância. Dissemos atrás que o eufemismo oficial pode, por ser difícil para descodificação imediata, tornar-se um instrumento de poder sobre os outros. Por sua natureza que dá apenas a conhecer uma parte ou só uma perspectiva da realidade que pretende nomear visualiza a assimetria entre locutor e interlocutor no discurso. Pode ser utilizado pelo Governo para manipular a opinião pública para demonstrar as actividades menos populares mais aceitáveis e mais positivas. Entre numerosos exemplos que podemos propor aqui necessitamos delimitar a nossa análise ao pequeno número, dos exemplos mais evidentes e mais frequentes.

A maioria dos exemplos está relacionada com a actividade militar, com guerra. Temos de ver, então com *tiros não controlados* quer dizer tiros nos edifícios não militares, *ataque antecipado* que significa a

invasão militar, *sinistrados* - mortos e feridos, *guerra assimétrica* as actividades ilegais durante acção militar, *guerra é política feita através dos meios distintos*, *guerra/política é um jogo*, *danos colaterais* são mortos, feridos e a destruição depois de guerra, *guerra com terrorismo* ou *libertação do Iraque* é nada mais que acção militar contra este país, etc.

A guerra muitas vezes está apresentada como: *a força moral*, *segurança social*, *depuração étnica*, *neutralização de obstáculos*, *defensa*, *solução final*, *pacificação* ou *missão de paz*. Podemos reparar facilmente que todas expressões analisadas só de um ponto da vista, de uma perspectiva podem ser ilusórios.

Dedicamos assim, esta secção a um olhar sobre a estrutura e um funcionamento de eufemismo oficial. Vejamos o exemplo da expressão *libertação do Iraque* relacionada com acontecimentos a cerca de acções militares contra o Iraque.

O espaço de base (*base space*) é preenchido pelo contexto da notícia de imprensa que relata os acontecimentos designados por libertação, no contexto de guerra. O domínio de apresentação (*presentation space*) é independência. A independência é conceptualizada como um estado normal e esperado pela sociedade.

O domínio de referência (*reference space*) é um domínio totalmente oposto: representa a acção militar, a guerra com o terrorismo. Isto é considerado como desarmonia, quebra do estado normal, uma série de acções violentas.

Os dois domínios estão projectados para um domínio de integração Blend 1 (*blended space 1*), onde podemos encontrar o conceito de libertação, um processo.

O espaço de relevância contém os elementos nem sempre visível, ou seja acções utilizadas durante a guerra como meios e a libertação e paz como o fim. A mesma expressão *libertação* está marcada positivamente e no seu sentido não leva nenhuma designação negativa, violenta ou de guerra.

No espaço *blend 1* criou-se a noção de libertação, um processo que pressupõe um conjunto de acções (militares) e aponta para um estado de liberdade que se procura. Tem a ver aqui com a falta de

colaboração semântica entre os interlocutores. A libertação está percebida como o processo com o seu fim, relegando as acções levadas a cabo com vista a esse resultado final para um plano secundário.

Desta segunda projecção resulta, portanto, uma nova integração *blend 2* (*blended space 2*). Aqui esconde-se a essência do eufemismo oficial, baseado numa relação assimétrica de poder pelo discurso entre os interlocutores. Nota-se o desvio da atenção de aspectos menos agradáveis para outros escolhidos para manter o poder informativo do locutor sobre os receptores. O que fica comentado pode ser representado do modo seguinte:

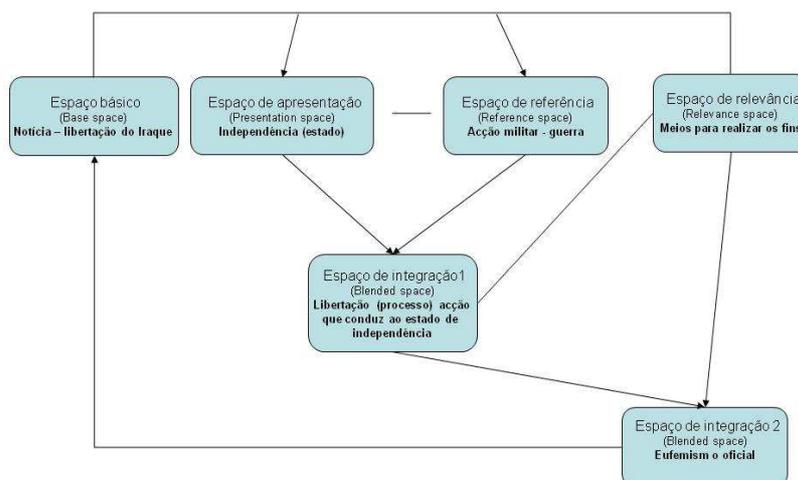


Fig. 4. Rede de espaços mentais – eufemismo oficial.

O resultado da integração do espaço *blend 2* é ao mesmo momento projectado para o espaço base. Pela sua pouca transparência não é compatível com o contexto de espaço base. No resultado o contexto informativo não fica claro e transparente. O carácter do eufemismo

oficial, a sua força e poder, produzem-se através de falta da detecção o desvio na rede de espaços mentais activos, na fase de transmissão das informações.

#### 6. Conclusões

No presente trabalho apresentado fez-se uma distinção entre dois tipos de eufemismo: eufemismo tradicional e oficial. A diferença entre os dois tipos de eufemismo baseia-se numa reacção emotiva perante ambos, aceitação perante o primeiro e de forte recusa perante o segundo.

As expressões eufemísticas convencionais, analisadas por integração conceptual respeitam a organização de redes mentais canónicas. Ninguém tem o problema com descodificação do sentido correcto, é semanticamente reconhecível e eficaz.

O eufemismo oficial, pelo contrário, a estrutura dos espaços mentais mostra certa desarmonia que é a única razão do uso dele como estratégia de poder pelo discurso.

Deste modo, apesar de dimensão mais evidente do eufemismo que é pragmática, quer dizer as suas funções e efeitos que produz na relação entre os interlocutores, é “*stricte*” relacionada com a sua dimensão semântica. A sua força é determinada pelas estratégias linguísticas activadas na construção da expressão eufemística.

#### Referências bibliográficas

- Abrantes, A. (2002): “Eufemismo e integração conceptual” [in:] *Revista Portuguesa de Humanidades*, VI, pp. 175-190.
- Abrantes, A. (2002): *É a guerra O uso do Eufemismo na Imprensa*. Viseu: Passagem Editores.
- Allan, K., Burrige, K. (1991): *Euphemism & Dysphemism Language Used as Shield and Weapon*. Oxford: Oxford University Press.
- Ayer, A. J. (1993): *Linguagem, Verdade e Lógica*. Lisboa: Editorial Presença.
- Bohlen, A. (1994): *Die sanfte Offensive*. Berlin/New York/Paris: Peter Lang.
- Brandt, P. A. (2001): Mental space networks and linguistic integration, [in:] *Linguagem e Cognição*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, pp. 63-76.
- Fauconnier, G. (1997): *Conceptual Integration Network*. San Diego: University of California.

- Kamińska-Szmaj, I. (2001): *Słowa na wolności. Język polityki po 1980 roku*. Wrocław: Europa.
- Lakoff, G. (1980): *Metaphors We Live By*. Chicago: Chicago University Press.
- Lutz, W. (1989): *Doublespeak*. New York: Harper and Row Publisher.
- Machado, J.P. (1977): *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Mills, C.W. (1988): *Elita władzy*. Warszawa: Wiedza Powszechna.
- Newman, A. D. (1995): *Sociology: Exploring the Architecture of Everyday Life*. Thousand Oaks, CA: Pine Forge Press.
- Rawson, H. (1981): *A Dictionary of Euphemisms and Other Doubletalk*. New York: Crown Publishers, Inc.
- Referenda, W. D. (1991): *Encyclopaedia of Language and Linguistics*, Oxford/New York: Hypergamous Press.
- Silva, A. (1990): *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência/Livros Horizontes.